

HERR ARNES PENGAR / 1919

("O Tesouro de Arne")

um filme de **Mauritz Stiller**

Realização: Mauritz Stiller / **Argumento:** Gustaf Molander e Mauritz Stiller, baseado no romance homónimo de Selma Lagerlöf / **Fotografia:** Julius Jaenzon e Gustaf Boge / **Décors:** Alexander Bakó / **Guarda-Roupa:** Axel Esbensen / **Interpretação:** Richard Lund (Sir Archie), Mary Johnson (Elsalill), Axel Nilsson (Torarin), Stina Berg (a taberneira), Erik Stocklassa (Sir Filip), Bror Berger (Sir Donald), Hjalmar Selander (Arne), Concordia Selander (a mulher de Arne), Wanda Rothgardt (a enteada dos Arne), Jenny Öhrström-Ebbesen (a mãe de Torarin), etc.

Produção: Charles Magnusson para A. B. Svenska Biografteatern / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, mudo, tintagens e viragens originais, intertítulos em sueco traduzidos em português, 103 minutos a 18 fps, feita a partir da nova versão restaurada pela Svenska Kinemathek, em Março de 2001 / **Estreia Mundial:** Estocolmo, a 18 de Setembro de 1919 no Roda Kvarn Cinema / **Estreia da nova versão restaurada:** Estocolmo, 19 de Março de 2001 / **Inédito Comercialmente em Portugal.** Apresentado, pela primeira vez no nosso país, a 29 de Junho de 1978, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Acompanhamento ao piano por Daniel Bruno Schvetz

Ao princípio, uma legenda fala-nos da lendária tempestade de 1574, que durante meses isolou a Suécia do mundo exterior. Depois, na primeira das imagens do mais belo trabalho de Julius Jaenzon (um dos maiores operadores de todos os tempos), árvores. É um plano relativamente breve, mas tão cerrado e enigmático que, ainda sem nada sabermos da história, "sentimos" o signo sob o qual este filme se irá processar. Nova legenda (narrativa da conspiração contra o rei João III) e o plano dos cavaleiros, sem direcção ou objectivo. O negro dos fatos inscreve-se na neve e a "mancha da morte" completa-se. Depois, estaremos com Sir Archie, Sir Donald e Sir Filip no interior da prisão, onde tem lugar um ambíguo jogo. Aparentemente, distraímos-nos até surgir, num prodigioso trabalho de montagem (alternância de longos planos com breves "close-ups"), a primeira das muitas mortes do filme: a do guarda, vítima da sua própria arma. E, paradoxalmente, a morte visível (começo da aventura ou da "acção") apaga as primeiras imagens, até que o "cá fora" (visto pela primeira vez num assombroso enquadramento através da frecheira do canhão, e depois plenamente restituído na "libertação" e na segunda morte) nos faz voltar ao mesmo tom.

Com grande lentidão, muitas aberturas e fechos em íris e novos admiráveis grandes planos, seremos introduzidos a outros personagens: Torarin, o pobre vendedor de peixe, o casal da casa assaltada, o cão preto (como um lobo) que tem pressentimentos até entrarmos em casa de Arne, com a série de panorâmicas que nos revelam os rostos de toda a família. As últimas apresentações são as de Elsalill e da sua irmã de leite (como não pensar na pintura holandesa e em Cornelius de Vos?) Há nelas um medo que é anterior à assombrosa visão da assombrosa velha e portanto nada explica se não o que já sabemos: que elas estão marcadas e que, como o tesouro do velho pastor, carregam uma antiqüíssima maldição.

Mary Johnson é uma das mulheres mais belas que alguma vez vimos em cinema e uma das suas presenças mais evanescentes e comoventes. Quando a vemos, percebemos que Louis Delluc nada exagerou quando escreveu, em 1922, à data da estreia de **O Tesouro de Arne** em Paris: "Mary Johnson. Le Jour se lève. Elle a dix-sept ans et nous en avons aussitôt dix-huit. Elle est le 'trésor' du **Trésor de Arne**." E é-o, desde esse plano inicial, até ao plano em que serve de escudo a Sir Archie. Elsalill, "la fille aux cheveux de lin", com a trança loura e o caracol louro, protagonista e vítima de uma das mais belas histórias de amor e de morte da história do cinema.

Mas se Mary Johnson "enche" o filme (serão, sobre ela, sem exagerar, alguns dos mais belos planos que já vi), não é menos importante a presença-ausência de Wanda Rothgardt, a "irmã", assassinada na noite da grande elipse e que, viva, só vemos em meia dúzia de planos da "última ceia".

Mas é a sua "luz" e a sua imagem (já do "lado de lá") que irão revelar a Elsalill o que tanto ela quis esquecer, conduzindo-a, passo a passo, na sua descoberta-caminho para a mesma morte.

Elsalill só sobrevive ao massacre para recordar a casa das mortes e, bem contra o que queria, cumprir a maldição que ela própria formula. Nas suas muitas perguntas a Sir Archie, ela só quer saber o que já sabe. Que a morte toma conta de tudo, e que o amor, como os olhares e as palavras, mais não faz que a devolver. Tudo se passa entre os rostos (voltamos sempre aos grandes planos), entre o medo e o espanto de tão grande destruição e de tão grande harmonia. Enquanto os cavalos se afundam na neve, e os espaços cada vez mais se comprimem, Elsalill e Sir Archie vão-se confundindo um no outro ("foi Deus que te trouxe") sob o signo do "navio fantasma" onde, finalmente, o seu destino se cumpre. Alternativamente, é Sir Archie (a mão no ombro) ou é Elsalill (a transparência da "aparição", a denúncia, o corpo como "écran") quem leva ao outro esse "maior peso", sem qual não pode haver o degelo ou a comunicação final. Alternativamente (os campos-contra-campos) vão-se olhando com o olhar da morte. E deixa de fazer sentido separar (falando de transparências e sobre-impressões) o que pertence a um só e comum reino. Os sonhos, como a realidade, só carregam o sinal do que há por haver.

Por isso, uma das sequências mais poderosas deste filme, é aquela em que Elsalill, levada pela mulher de Torarin, narra para os assassinos o que eles tão bem como nós e ela conhecem. Como nos grandes "raccontos" do drama lírico, há uma fixação no momento que escapa a qualquer tentativa de explicação e que vem trazer a luz inteiramente diferente à cena já antes vista. Já tudo pertence à magia.

Magia. Será dizer de mais que este é um dos grandes filmes mágicos da história do cinema? Ou qual é a ordem do belo em **O Tesouro de Arne**?

E, apesar do famosíssimo plano do enterro (criando o "número de ouro" numa movimentação a que Eisenstein iria voltar no **Alexandre Nevky** ou no **Ivan**), fico-me nesse outro em que o peito de Mary Johnson atravessa a espada. Depois, é o mar a abrir. A ressurreição. "Sir Archie, Sir Archie porque me faz pensar nos mortos?"

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico